

AS REPRESENTAÇÕES DA PLUMA: o papel da pluma na heráldica, nos ornamentos e na esfera religiosa.

Olímpio Pinheiro Santana.¹ UFBA

Salvador-BA, Brasil. *opsants@yahoo.com.br*

RESUMO: Este artigo, que resulta de uma pesquisa bibliográfica, aborda as representações da pluma aplicadas ao ornamento de várias culturas, em diversos períodos, técnicas e configurações. Inicialmente, faz-se referência à morfologia da pena, aplicação e ao seu simbolismo geral; em seguida, são contextualizados os significados que estes adornos assumem nas diferentes obras de arte apresentadas. Nas obras em foco, procura-se um suporte interpretativo mais rico nos elementos da percepção visual, tendo como apoio principal *Arte e percepção visual*, de Rudolf Arnheim. O texto ressalta a importância da pluma na constituição de símbolos universais, a expansão de suas representações decorativas em múltiplas categorias artísticas, artesanais e o papel da pluma na heráldica e na esfera religiosa.

Palavras-chave: Pluma; Pena; Ornamento; Heráldica; Design.

THE PLUME REPRESENTATIONS: the role of the plume in heraldry, in the ornaments and the religious sphere.

ABSTRACT: This article, which results from a bibliographic search, approaches the plume representations applied to the ornaments of various cultures, in different periods, techniques and settings. Initially, reference is made to the plume morphology, application and the general symbolism; then the meanings that these adornments assume in the different works of art presented are contextualized. In the works in focus, we seek a richer interpretive support of the elements of visual perception, its main support *Art and visual perception*, by Rudolf Arnheim. The text highlights the importance of the plume in the constitution universal symbols, the expansion of its decorative representations in multiple artistic, handmade categories, and the role of plume in heraldry and in the religious sphere.

Keywords: Plume; Feather; Ornament; Heraldry, Design.

¹ Graduado em Artes Plásticas (EBA/UFBA), desenvolve pesquisa processual em pintura. Realizou exposições individuais e participou de mostras coletivas.

Morfologia da Pena

As penas são compostas de proteína e quando completamente desenvolvidas apresentam uma estrutura morta, exceto na base, onde há inervação. Emergem da pele em forma de cálamo ou quilha (ponta oca). A raque ou haste é a principal estrutura da pena, cujas barbas (ramificações finas) surgem a 45° em ambos os lados. Das barbas surgem as bárbulas (ramificações ainda menores) em ângulo de 45°.

Se as bárbulas não estiverem unidas, a pena se assemelhará a uma forma “fofa” (pluma) (TULLY JR; DORRESTEIN; JONES, 2010, p. 36).

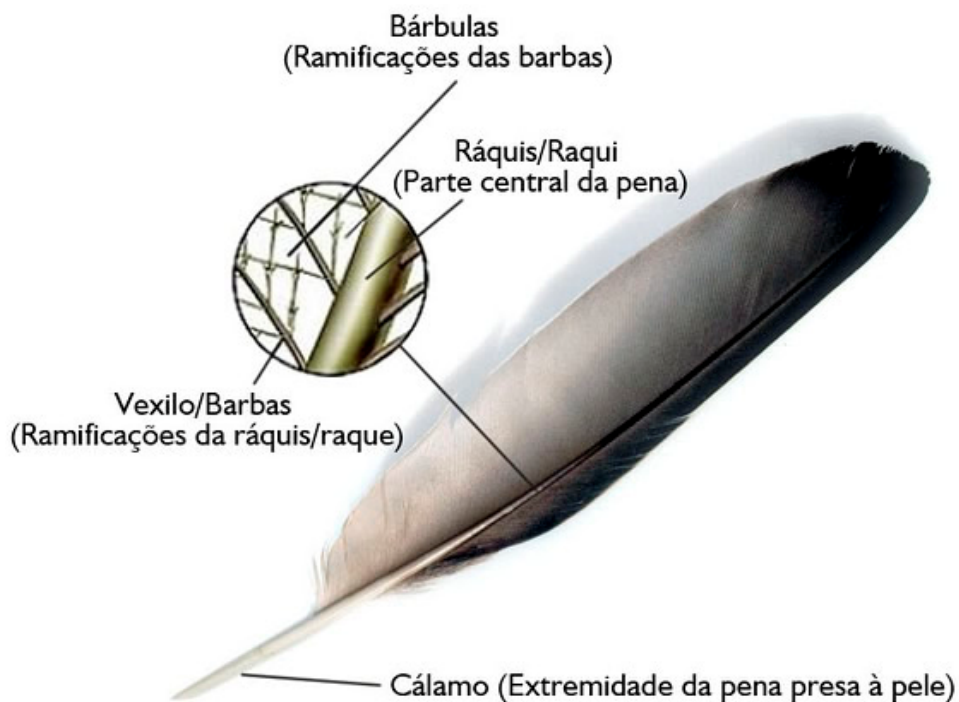


Figura. 1 — Bárbulas. Ibn Capadócia Budgerigars (ICB Brasil)



Figura 2 — Viseira dos índios Bororo Oriental. Retrizes de japu; retrizes e plumas ventrais de arara-vermelha; plumas dorsais de arara-canindé e de várias partes do mutum-de-penacho. Mato Grosso. Foto: Wagner Souza e Silva.



Figura 3 — Maracá decorado com fogo. Feito por índios Guarani-Kaiowá. Mato Grosso do Sul.

Uso da Pluma

A plumária é uma das categorias artísticas mais notáveis entre os índios brasileiros, porque, além de compor adornos corporais e máscaras rituais, é utilizada na confecção de armas, viseiras (VISEIRA. BORORO ORIENTAL, 2014. Figura 2), instrumentos musicais, cestos, brinquedos etc. Ornar o corpo com penas constitui uma identidade cultural típica não só dos indígenas do Brasil, mas também de diversos povos autóctones das Américas e da Oceania.

Os elementos da arte plumária brasileira são selecionados a partir de certas espécies de pássaros, de acordo com formas, tonalidades e texturas necessárias aos ideais práticos e estéticos dos artistas e artesãos.

Porém, a matéria-prima — penas, plumas, penugens — não é apenas harmoniosamente combinada entre si, mas comumente trabalhada em conjunção com outros materiais que ampliam as potencialidades estéticas dos artefatos. Entre estes, destacam-se garras, couros e pelos de mamíferos, sementes, cocos, cápsulas de frutos, élitros de coleópteros, cabelos humanos, conchas fluviais, miçangas, contas, taquaras, fios de algodão, ossos de animais, cordéis e fitas de fibras vegetais, em especial das palmeiras. (DORTA; CURY, 2000, p. 36)

Para os indígenas das Américas, a estreita correlação entre pássaros e plumas interferiu no simbolismo mítico dos artefatos plumários, considerados portadores de propriedades mágicas, como o maracá (chocalho) (IANDÉ ARTE COM HISTÓRIA, 2014. Figura 3) dos índios Guarani, ornado de plumas. Devido à grande importância de suas raízes étnicas, os grupos indígenas tendem a criar padrões artísticos modificados pelas necessidades de adaptação ao mercado, conservando, porém, suas marcas ancestrais por meio de atributos técnicos, materiais e ornamentais.

Simbolismo da Pluma

Para muitos povos primitivos, devido à semelhança com as folhas, as plumas simbolizam a vegetação. Também para esses povos, elas estão associadas ao Sol e à abóbada celeste porque seus fios lembram raios, além do grande valor que têm em si, por ser sua presença um dos aspectos que distinguem as aves dos outros animais.

A coroa de plumas de algumas tribos indígenas representa poder em estreita relação com o simbolismo do Sol. O cocar de determinados chefes ameríndios simboliza pássaros semidivinos. Alguns povos aderiram uma pena ou várias em artefatos que assinalam a posição social e em ilustrações de ídolos como, por exemplo, imagens egípcias da deusa Maat (AMNTE NOFRE, 2014.

Figura 4), onde há o hieróglifo na forma da pena de avestruz adornando a cabeça. Outro uso é o penacho dos elmos medievais. A representação da pluma como ornamento é encontrada, sobretudo, no campo da heráldica.

A pluma simboliza também o vento, o voo, a justiça e os deuses criadores do panteão egípcio Ptha, Hathor, Osíris e Ammón. Como sinal representativo do sistema hieroglífico do Egito, a pena entra na composição de palavras, tais como vácuo, aridez, leveza, rapidez, elevação e voo. Segundo o Papa Gregório I (cerca de 540-604), a pluma representa a fé e a contemplação.



Figura 4 — Deusa Maat. XIX Dinastia.
Museu Egípcio de Florença, Itália (1300 a. C.).

Retratos Barrocos

Mestre do retrato, o holandês Franz Hals (1581-1666) pintou este jovem (MY DAILY ART DISPLAY, Figura 5) com pinceladas ligeiras e vigorosas. O traçado espontâneo de sua técnica aproxima-o dos pintores impressionistas. O objetivo deste artista, em seu desenvolvimento estilístico, foi captar expressões e gestos súbitos. Esta tela é classificada como vanitas, porque se refere diretamente à vaidade, à fugacidade da vida. Há um recurso típico do Barroco: o dualismo vida/morte, evidente no contraste entre a aparência juvenil e a caveira.

A longa pluma rósea é o ornamento não só da boina, mas de todo o quadro, por estabelecer uma dinâmica. O movimento começa no olhar do rapaz, que segue pela pena numa curva até a caveira. A mão esquerda redireciona o movimento até a outra mão, cujo polegar reconduz o olhar para o rosto. As linhas do panejamento contrabalançam e intercalam este ritmo. A pluma, diferentemente dos elementos concebidos de modo econômico, foi finamente elaborada.



Figura 5 — Franz Hals. *Retrato de um jovem com uma caveira*. Óleo sobre tela, 92 X 81 cm. National Gallery, Londres (c. 1626-28).

Constitui um equívoco o título tradicional deste retrato do pintor flamengo Peter Paul Rubens (1577-1640) (ÉTERNELS ÉCLAIRS, Figura 6), porque o chapéu da jovem é de feltro e adornado com penas de avestruz. Trata-se de Suzanna Fourment, que em 1630 tornou-se a segunda mulher de Rubens. O retrato traduz uma alma ativa, mas contida na atitude retraída da mulher. Há influência de Rafael e Ticiano no calor que emana da personalidade da jovem e na nítida sensação de sua presença. A composição foi cuidadosamente estudada: o jogo compacto de diagonais é definido pela posição do chapéu, o veludo do decote e os braços cruzados.

A profusão de linhas das plumas, suas curvas, bem como seu contraste com o chapéu, imprimem sensualidade à figura. O movimento rotativo dos tufo brilhantes da plumagem se harmoniza com a curva da pluma escura, na lateral direita da aba e também com o panejamento das mangas.



Figura 6 — Peter Paul Rubens. *O chapéu de palha*.
Óleo sobre madeira de carvalho, 79 X 54,6 cm.
National Gallery, Londres (c. 1622-25).

Monumentos Brasileiros

No interior da *Igreja da Ordem Terceira de São Francisco*, Centro Histórico de Salvador (BA), há quatro atlantes sustentando colunas, em cada retábulo que apresenta estes suportes. Essas figuras, de estilização única, fazem jus ao espírito barroco, pelos seus semblantes expressivos, torsões, panejamentos esvoaçantes, proporcionando um equilíbrio tenso aos retábulos, devido ao peso da estrutura marcando o gesto. Os atlantes estão, portanto, subordinados à arquitetura do templo. Aqueles que estão recuados ostentam plumas de avestruz sobre a cabeça (ARTE NO BRASIL, Figura 7). São plumas claras, de espessuras finas. Todas elas têm um eixo coberto de ouro, visível dos dois lados; quando fazem uma curva para frente, criam um belo contraste de luz e sombra, entre a face convexa da ponta e embaixo dela. As plumas fazem uma contraposição ao peso da coluna, pelo movimento ascendente e pela leveza natural.

Em Salvador (BA), no Largo do Campo Grande, que é um parque, encontra-se, no centro, o *Monumento ao Dois de Julho*, do escultor italiano Comendador Carlo Nicoli (1843-1915). Trata-se da estátua em bronze de um índio Tupinambá atacando uma serpente (ESPAÇO CULTURAL TUPYNAMBÁ, 2014. Figura 8), num gesto triunfante, que é a maior consagração dos heróis da Independência da Bahia, porque personifica o Brasil e consolida a emancipação política do país. O dia e mês celebrados pelo monumento referem-se ao ano de 1823. A fisionomia resoluta e a firmeza dos punhos do índio — chamado pela população baiana de “O Caboclo” — que agarram a lança geram um sentimento de dramaticidade adequado ao tema. A cobra esmagada representa os portugueses opressores.



Figura 7 — Atlante. Talha policromada e dourada.
Igreja da Ordem Terceira de São Francisco.
Salvador, Bahia (início do século XVIII).

A representação do cocar de penas, na estátua do índio, ressalta sua dignidade e bravura. Modelada de forma espontânea, com qualidade plástica similar à da argila, a plumagem faz um movimento ascendente e sinuoso, mas enérgico, favorável à articulação tensa da mão e do braço direito. O olhar e a seta se dirigem para o outro foco de tensão, o pé, que é pressionado contra o inimigo. O topo da plumagem tem um sentido contrário à lança, criando um equilíbrio por oposição. Algumas plumas são paralelas à lança, portanto, interferem na sua gravidade. O jogo de diagonais do cabelo e das penas cria um efeito arrojado a esta composição.



Figura 8 — Comendador Carlo Nicoli. Monumento ao Dois de Julho.
Bronze. Salvador, Bahia (1895). Detalhe.

A Pluma na Heráldica

A heráldica, que foi concebida como ciência e arte pelos nobres da cavalaria medieval, compreende a interação entre signos e design para o estudo e criação de brasões. Nesta tradição, os signos que ilustram poder e prestígio são adequados por códigos que distinguem a nobreza

militarizada: “É função dos signos atrair atenção, serem conspícuos e claros, e é tarefa do designer realçar esse efeito por meio da criação da configuração adequada”. (GOMBRICH, 2012).

Segundo Gombrich (2012), a estilização heráldica do leão e da flor de lis pode apresentar uma configuração que dificulte a leitura desses elementos.



Figura 9 — Brasão das Armas Reais Britânicas. De R. Pricke, *The Ornaments of Architecture*, Gravura em metal, água-forte (1674).

O brasão é apoiado nos *suportes*, que tendem a ser animais mitológicos ou naturais. O escudo geralmente é rematado por um elmo que ostenta um penacho. O brasão das Armas Reais Britânicas (GOMBRICH, 2012. Figura 9) é ornamentado principalmente por feixes de plumas, que se contorcem e se expandem elegantemente, num design assimétrico, típico do barroco. A configuração de tal floreio surtiu impactos no Rococó. *Paquifes* ou *lambrequins* são denominações heráldicas para plumagens, folhagens e outros adornos que se projetam do elmo e se espalham em torno do escudo.

A flor de lis, símbolo de realeza muito aplicado na heráldica, é típica dos brasões do Reino Unido. Na forma de plumas de avestruz, este símbolo constitui o emblema do Príncipe de Gales (THE OFFICIAL WEBSITE OF THE BRITISH MONARCHY, 2014. Figura 10). O Escudo da Paz (EDWARD, THE BLACK PRINCE, 2014. Figura 11), do Príncipe de Gales, é decorado com três penas brancas iguais sobre um escudo preto de desenho clássico, onde o lema do Príncipe: “Ich dien”, escrito em alemão, significa *Eu sirvo*. O desenho desta pluma assemelha-se à pena hieroglífica do Egito (AMNTE NOFRE, 2014. Figura 4).



Figura 10 — Brasão do Príncipe de Gales
(Computação gráfica segundo imagem do final do século XV e início do século XVI).

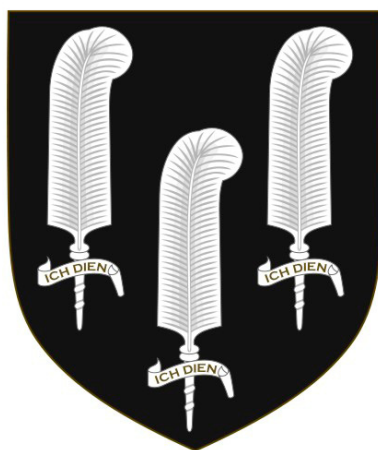


Figura 11 — Escudo da Paz, de Eduardo de Woodstock,
o Príncipe Negro (Computação gráfica segundo imagem do século XIV).

Considerações Finais

A pluma desempenha um importante papel na constituição de outros símbolos, tais como asas, anjos, raios solares, sendo recriada em ornamentos de diversas culturas e em muitas modalidades artísticas. Por se relacionar com símbolos universais, a pluma tem importância ainda mais relevante na arte sacra e na heráldica.

Durante o Art Nouveau, o desenho de plumas evoluiu com formas elegantes, parcialmente geométricas, de acordo com suas necessidades estéticas e comerciais (PEACOCKS, 2014. Figura 12). Hoje, as representações decorativas de asas expandiram-se em inúmeras categorias gráficas, pictóricas, tridimensionais e digitais, especialmente no artesanato, design publicitário, estampania e design de joias. Uma arte que, cabe referir, sofreu mudanças significativas no período pós-moderno, mas merece destaque pelos seus ornamentos de asas de águia é a tatuagem, cuja delicadeza do design e das cores revela, em certos casos, um efeito estético surpreendente, como está nítido nas plumas de pavão (AWESOME TATTOO DESIGN IDEAS, 2014. Figura 13).



Figura 12 — Broche com design inspirado em pluma de pavão.
Opala, esmeraldas e safiras. Cerca de 1900.

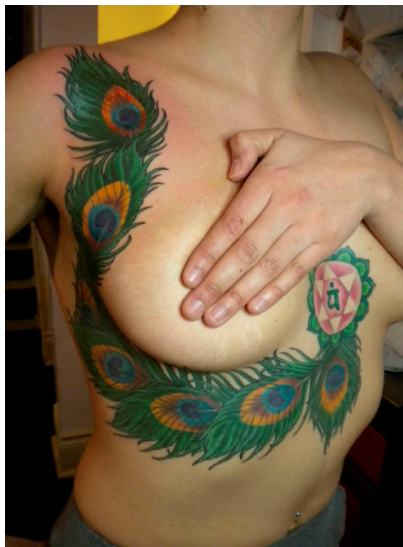


Figura 13 — Tatuagem representando plumas de pavão.

Referências

- AMNTE NOFRE. Maat. Disponível em:
<<http://amentetneferet.wordpress.com/gods/maat/>>. Acesso em: 29 jul. 2014. (Ilustração).
- ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. Tradução de Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira, 1989. 503 p.
- ARTE NO BRASIL: O apogeu do Barroco, Obras-primas do Aleijadinho, Os tetos pintados. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1986. n. 4.
- AWESOME TATTOO DESIGN IDEAS. Back to Post: How to Pick a Feather Tattoo Designs. Disponível em: <<http://www.uulov.com/how-to-pick-a-feather-tattoo-designs/sexy-peacock-feather-tattoo-designs-on-breast-for-girl/>>. Acesso em: 29/07/2014. (Ilustração).
- BÁRBULAS. Periquitos - Ibn Capadócia Budgerigars (ICB Brasil). Disponível em: <[HTTP://ibncapadociabudgerigars.blogspot.com.br/p/linhagens.html](http://ibncapadociabudgerigars.blogspot.com.br/p/linhagens.html)>. Acesso em: 26/07/2014. (Ilustração).
- BIEDERMANN, Hans. *Diccionario de símbolos*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1993.
- CAMPACCI, Claudio. *A heráldica: descubra suas raízes medievais*. São Paulo: Clube dos Autores, 2014.
- CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt. *Mentalidade e estética na Bahia colonial: a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Bahia e o frontispício de sua igreja*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1996.
- CIRLOT, Juan Eduardo. *Diccionario de símbolos*. Madri: Ediciones Siruela, 2006.
- COLVILLE, T. P.; BASSERT, Joanna M. *Anatomia e fisiologia clínica para medicina veterinária*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- DORTA, Sonia Ferraro; CURY, Marília Xavier. *A plumária indígena brasileira no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. São Paulo: Edusp, 2001.
- EDWARD, THE BLACK PRINCE. Titles, styles, honours and arms. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Edward,_the_Black_Prince>. Acesso em: 29/07/2014. (Ilustração).
- EINAUDE, Sílvia. *Museu egípcio: Cairo*. Rio de Janeiro: Folha de São Paulo, 2009. (Coleção Folha grandes museus do mundo, 4).
- ESPAÇO CULTURAL TUPYNAMBÁ. CAMPO GRANDE. Disponível em: <<http://espacoculturaltupynamba.wordpress.com/>>. Acesso em: 30/07/2014. (Ilustração).
- ÉTERNELS ÉCLAIRS. Disponível em:
<<http://www.eternels-eclairs.fr/tableaux-rubens.php>>. Acesso em: 28/07/2014. (Ilustração).
- GALERIA NACIONAL: Londres. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1968. (Enciclopédia dos museus).
- GOMBRICH, E. H. *O sentido de ordem: um estudo sobre a psicologia da arte decorativa*. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- GUTLICH, George Rembrandt. *Arcádia nassoviana: natureza e imaginário no Brasil holandês*. São Paulo: Annablume, 2005.

IANDÉ ARTE COM HISTÓRIA. Disponível em: <<http://www.iande.art.br/instrumentosmusicais/maraca/kaiowamaraca031114.htm>>. Acesso em: 29/07/2014. (Ilustração).

KINDERSLEY, Dorling. *Arte: artistas, obras, detalhes, temas 1600-1700*. São Paulo: Publifolha, 2012.

KRAAY, Hendrik. Entre o Brasil e a Bahia: as comemorações do Dois de Julho em Salvador no século XIX. In: AFRO-ÁSIA, 23. 2000, Salvador: UFBA. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n23_p49.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2014.

LEVY, Carminha; MACHADO, Álvaro. *A sabedoria dos animais: viagens xamânicas e mitológicas*. São Paulo: Ground, 1999.

LEXIKON, Herder. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 2009.

MY DAILY ART DISPLAY. Disponível em:

<<https://mydailyartdisplay.wordpress.com/2011/04/11/young-man-with-a-skull-vanitas-by-frans-hals/>>. Acesso em: 28/07/2014. (Ilustração).

O LIVRO DA ARTE. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

PEACOCKS. Disponível em: <<https://www.pinterest.com/pin/288160076133930010/>>. Acesso em: 27/07/2014. (Ilustração).

TARABRA, Daniela. *National Gallery: Londres*. Rio de Janeiro: Folha de São Paulo, 2009. (Coleção Folha Grandes Museus do Mundo, 2).

THE OFFICIAL WEBSITE OF THE BRITISH MONARCHY. The Prince of Wales's Feathers. Disponível em:

<<http://www.royal.gov.uk/ThecurrentRoyalFamily/ThePrinceofWales/PrinceofWalesGallery.aspx>>. Acesso em: 29/07/2014. (Ilustração).

TULLY JR, Thomas N.; DORRESTEIN, Gerry M.; JONES, Alan K. *Clínica de aves*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

VEIGA, Paulo. *Paulo Lachenmayer, O.S. B.: um artista alemão no Mosteiro de São Bento da Bahia (1922/1990)*. 2012. Dissertação (Mestrado em artes visuais). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

WISEIRA. Bororo Oriental. Disponível em:

<<http://www.geocities.ws/terrabrasileira/ornato/plumas/viseira.html>>. Acesso em: 29/07/2014. (Ilustração).